

Charlottesville e o neonazismo em marcha nos Estados Unidos

Charlottesville and the marching neo-Nazism in the United States

Pedro Carvalho Oliveira

Doutorando em História
Universidade Estadual de Maringá
pedro@getempo.org

Recebido em: 03/04/19

Aprovado em: 01/07/19

Resumo: O presente artigo examina a presença do neonazismo nos Estados Unidos, tendo como ponto de partida o comício da *Unite the Right*, na cidade de Charlottesville, Virgínia, ocorrido em agosto de 2017, onde dezenas de neonazistas defenderam abertamente discursos de ódio contra seus inimigos determinados, entre eles os negros e os imigrantes. Veremos como este evento tem raízes mais profundas na sociedade estadunidense, examinando-o sob a perspectiva de uma história do tempo presente. Esse exame será executado usando os registros feitos por bandas estadunidenses ligadas ao chamado rock neofascista em suas músicas. Tendo em vista tais registros documentais, buscaremos compreender algumas particularidades do neonazismo estadunidense e onde se encontram suas raízes nacionais por meio de músicas das bandas *Angry Aryans*, *Bound for Glory*, *Bully Boys*, *End Apathy*, *Heathen Hammer* e *The Voice*. Assim, perceberemos como o episódio em Charlottesville vai além de suas causas imediatas.

Palavras-chave: Neonazismo; rock neofascista; história do tempo presente.

Abstract: This paper aims to examine the presence of neo-Nazism in the United States, starting with the *Unite the Right* rally in the city of Charlottesville, Virginia, in August 2017, where dozens of neo-Nazis openly advocated hate speech against their declared enemies, like the black people and immigrants. We will see how this event have deeper roots in American society, examining it through a present time history perspective. This analysis will be performed using records made by American bands linked to the so-called neo-fascist rock in their songs. In view of such records, we will seek to understand some particularities of American neo-Nazism and where its national roots lie by examining song lyrics from *Angry Aryans*, *Bound for Glory*, *Bully Boys*, *End Apathy*, *Heathen Hammer* and *The Voice*. Thus, we will see how the episode in Charlottesville goes beyond its immediate causes and its recent developments.

Key words: Neo-nazism; neo-fascist rock; present time history.

Introdução

Os acontecimentos do dia 13 de agosto de 2017, em Charlottesville, chamaram a atenção da imprensa nacional e internacional para a pequena cidade do estado da Virgínia, no sul dos Estados Unidos, onde naquela ocasião um comício da *Unite the Right* confrontava as autoridades locais pela retirada da estátua de Robert E. Lee de uma praça. O general representado no monumento era símbolo dos Estados Confederados do Sul que, após a eleição de Abraham Lincoln à presidência do país e a vitória do abolicionismo, conduziu suas forças militares a uma guerra contra a abolição dos escravos e a inserção dos negros na sociedade estadunidense. Consideravelmente menor do que este comício, no qual uma mulher de 32 anos foi morta atropelada por um supremacista branco quando se manifestava contra o racismo, uma nova demonstração pública favorável à cultura confederada se repetiu na cidade oito semanas depois (STEVENS, 2017). Para os seus defensores, Lee representava a cultura branca e sua retirada significava um ato de opressão aos nacionalistas brancos.

A manifestação contrária à retirada da estátua se situa em um embate pela memória. De um lado, a prefeitura da cidade se posiciona de forma crítica à celebração de um símbolo do passado racista do estado da Virgínia, cujo exército foi um dos mais numerosos entre os Confederados durante a Guerra Civil; de outro, militantes buscando salvaguardar esta mesma memória, a memória do nacionalismo estadunidense branco e personificado no passado por homens como Lee. Entre estes militantes, estavam dezenas de neonazistas cujos discursos afirmavam a “ameaça” representada pela derrubada da estátua: a perda de poder dos estadunidenses brancos frente a uma decadência de sua nação, causada por políticos coniventes com todos os que seriam supostamente responsáveis por isso, desde os imigrantes até os negros.

O acontecimento causou grande impacto pela dedicação da imprensa em relatá-lo, chamando a atenção para a presença massiva de neonazistas no país. Para os leitores desavisados, aquilo pode ter soado como obra de movimentos ínfimos, violentos, porém sem expressão, cuja emergência no país seria demasiadamente sazonal para se tornar uma preocupação real. Uma ou outra digressão foi feita pelas mídias de massa para explicar a presença de neonazistas no país, ou mesmo para posicionar o acontecimento no bojo de debates raciais agudizados há cinco ou seis décadas. Quando não, temas como os protestos em Ferguson, no ano de 2016, onde a população negra confrontou a polícia e suas corriqueiras incursões violentas aos bairros pobres, resultando na

morte do adolescente negro Michael Brown, foram trazidos para exemplificar os conflitos raciais no país. Por mais elucidativas que estas informações sejam, as explicações para Charlottesville e o comício da *Unite the Right* precisam ir além.

Ainda hoje, o envolvimento dos historiadores junto a acontecimentos tão recentes pode levantar desconfiças. É natural que o senso comum, mesmo o acadêmico, julgue ser da alçada de sociólogos ou jornalistas a missão de se envolver com esses acontecimentos a fim de explicá-los devidamente. Isso porque perdura o estigma da história como “ciência do passado”, apenas encontrando “sua razão de ser, sua nobreza, sua justificação na laboriosa extração de seus recursos da montanha dos arquivos” (LACOUTURE, 1988, p. 219). Tal visão perdura, apesar de Marc Bloch (2001) ter dito, ainda nos anos 1940, que era um erro pensar a história como ciência do passado, visto que toda história é uma história do presente – feita por um historiador localizado em seu próprio “agora”.

A história do tempo presente, como campo de conhecimento histórico, não como recorte temporal específico, está cronicamente atrelada, desde sua origem, a uma necessidade constante de atender demandas, de dar respostas a conjunturas recentes, por vezes até mesmo de sanar feridas ainda não cicatrizadas (NORA, 1976). Se no início do século XX sua origem foi justificada pelo surgimento das mídias de massa e a transmissão cada vez mais ligeira dos acontecimentos, monopolizados pela imprensa e disseminados a partir do olhar e da narrativa particular de seus transmissores, não mais pelo historiador em seus arquivos documentais, há hoje uma justificativa semelhante para conhecer o presente. O olhar e a narrativa particular de milhões de transmissores são disseminados com o apoio das mídias protagonistas da comunicação em massa hoje: os meios informacionais.

Dilton Maynard (2011, p. 70) afirma que a mudança pela qual passou a Internet, de meio informacional militar e mercadológico para meio informacional doméstico, “coincidiu com um amplo conjunto de transformações no mundo Ocidental, entre as quais se destacam: a reunificação alemã, a queda do Muro de Berlim e a desagregação da União Soviética”. Tais acontecimentos deram aos EUA *status* de potência mundial incontestável em múltiplos âmbitos, fortalecendo disputas internas pela afirmação dessa potência por meio de debates políticos que abarcavam o anticomunismo, a identidade estadunidense, sua cultura e sua “raça”. Assim, “nessa concepção da rede como ambiente privilegiado às manifestações políticas, também os grupos de extrema-direita

encontraram as brechas para se fortalecerem” (MAYNARD, 2011, p. 72) e disseminarem seus discursos.

Uma das ferramentas de manifestação política usadas por esses grupos foi o que chamaremos aqui de rock neofascista.¹ Trata-se de um gênero musical surgido na Inglaterra, no final dos anos 1970, cuja razão de ser reside em idealizar e disseminar idealizações neofascistas de sociedade e nação. Um tipo de música no qual seus compositores se posicionavam como subversivos, contrários ao *establishment*, mas dotados de visões de mundo nas quais a supremacia nacional se opunha aos inimigos da nação vista como ameaçada, em decadência (OLIVEIRA, 2016b). Em alguns casos, como entre os neofascistas alinhados ao nazismo, a defesa da raça aparece de forma semelhante.

A Internet foi um ambiente frutífero para a ampla divulgação deste gênero. Por meio dela, as bandas neofascistas puderam divulgar o seu material e mesmo comercializá-lo em lojas e serviços de *streaming* (OLIVEIRA, 2016a). O revisionismo histórico no qual os fascistas aparecem como heróis e seus herdeiros de hoje como rechaçados e oprimidos, vigorosamente retratado nas músicas desse gênero, foram catapultados de forma global. Essa retórica em muito se aproxima daquela amplificada pelos neonazistas presentes em Charlottesville.

Pensando na música como uma fonte histórica do nosso tempo, documento capaz de registrar um comportamento político específico e suas permanências e rupturas com o passado; uma fonte na qual existe “a contemporaneidade intrínseca entre o historiador e a testemunha” (FRANK, 1999, p. 103); um meio de comunicação em massa pertinente ao historiador do tempo presente, usaremos discursos musicais das bandas de rock neofascista estadunidense *Angry Aryans*, *Bound for Glory*, *Bully Boys*, *End Apathy*, *Heathen Hammer* e *The Voice* para respondermos a três questões: quais são as particularidades do neonazismo estadunidense? É possível o comício em Charlottesville ser visto como resultado de uma relação mais profunda entre os neonazistas lá presentes e a cultura estadunidense? De que forma o contexto político atual dos EUA pode ser favorável aos neonazistas?

Responder a estes questionamentos por meio de uma pesquisa como esta é se defrontar com, pelo menos, outros dois problemas. Primeiro, o fato de que poucos autores brasileiros se debruçaram sobre a rock neofascista. Trata-se de um tema pouco explorado por historiadores,

¹ Uma vez que o nazismo é um tipo de fascismo, nos referiremos ao gênero como neofascista, pois embora todas as bandas analisadas aqui sejam alinhadas ao nazismo, elas são, conseqüentemente, alinhadas a uma vertente do fascismo.

sociólogos, enfim, pesquisadores das ciências humanas. Por esta razão, nossa pesquisa carece de autores nacionais e acaba buscando em pesquisadores sobretudo europeus os subsídios teóricos para esta análise. Segundo, é o fato de que a análise das letras de músicas, como propomos aqui, acaba por deixar de lado toda a teia de elementos necessários para uma compreensão mais ampla da música em si como documento histórico. Reconhecemos a importância da melodia, dos arranjos e de todo o aparato musical para uma compreensão mais acurada da música como fonte, mas sobretudo pelo fato de tratarem-se de músicas pouco elaboradas e ainda menos complexas, daremos primazia às letras, pois é onde se encontra o substrato discursivo necessário à nossa investigação. É notável que as melodias violentas das músicas combinam com os discursos proferidos verbalmente; porém, para fins de nossa análise, é suficiente sabermos disso.

Tendo isso em vista, faremos uma análise dos discursos proferidos nas músicas buscando neles evidências que nos permitam enxergar a dinâmica política dos neofascismos, em contato com o passado dos fascismos clássicos e com o presente no qual estes discursos ecoam, tentando encontrar nesta leitura fragmentos de transformações históricas que se relacionam com o cenário no qual os produtores destes discursos atuaram e como isto permitiu permanências e discontinuidades com suas referências do passado.

Charlottesville: etapa de um neonazismo em longa marcha

O comício da *Unite the Right* e a passeata encabeçada por seus militantes em Charlottesville chamaram a atenção da opinião pública pela presença expressiva de neonazistas e pela violência de seus discursos. O acontecimento foi duplamente simbólico. Pretendia expor a união de várias alas da direita estadunidense, desde as mais liberais até as mais extremistas existentes dentro desse espectro político, além de ser estimulado pela indignação de seus participantes quanto à possível remoção da estátua de Robert E. Lee, comandante do exército da então Virgínia do Norte durante a Guerra de Secessão, erguida numa praça localizada no epicentro das manifestações.

Jason Kessler foi o idealizador do comício. O advogado é líder de uma organização de extrema-direita chamada *Unity & Security for America*, cujo compromisso principal é, de forma jurídica, barrar a imigração no Ocidente (BERTRAND, 2017). Em seu programa de rádio *Real News*, Kessler afirmou que o comício defenderia a estátua de Lee como uma forma de protesto “pró-brancos”, a fim de demonstrar publicamente a necessidade e a obrigação dos brancos estadunidenses perante sua cultura, sua herança racial e sua história, ameaçadas pelo conhecimento crítico universitário (CANTWELL, 2017). O militante discute de forma veemente uma ilusória opressão sobre os brancos em relação ao seu orgulho.

Os EUA vivem um momento político delicado desde a chegada de Donald Trump à Casa Branca. O empresário construiu sua agenda, principalmente, orientada pelo ressentimento contra o “politicamente correto”, por um nacionalismo tributário à genealogia branca, por discursos anti-imigração, para citar apenas algumas de suas plataformas eleitorais (SANDOVAL, 2017). Um dia após a sua eleição, antes mesmo de tomar posse, casos de agressão a estrangeiros e imigrantes foram registrados em várias partes do país, expostos pelas vítimas em redes sociais virtuais (DAY..., 2017). Os discursos defendidos por Trump em muito se aproximam dos defendidos por Kessler e pela *Alternative Right*, altamente engajada em promovê-lo durante sua campanha presidencial.

A *alt-right*, como é frequentemente chamada esta “direita moderna”, é orbitada por diversos políticos ou figuras públicas empenhadas na defesa de ideias nacionalistas, racistas, protecionistas e mesmo antissemitas. Busca, por meio do que Nigel Copsey (2004) chama de “cirurgia cosmética”, afastar sua imagem da extrema-direita convencional, estigmatizada; com isso, se pretende “alternativa”, renovada, desvinculada de interesses semelhantes aos dos partidos políticos mais antigos, mas fortemente interessada em mostrar como os brancos vêm sendo supostamente oprimidos no país pelos liberais. Segundo sua retórica, disseminada de forma moderna, por meio de uma linguagem próxima à dos meios de comunicação informacionais, os estadunidenses brancos têm sido vítimas de políticas “anti-brancos”, cuja existência, que teria sido elevada ao seu auge principalmente por Barack Obama, é responsável por levar à decadência a cultura étnica e a história estadunidense. Steve Bannon, que foi estrategista-chefe de Trump, concorda. Suas posições racistas podem ser verificadas em seu site de notícias e opiniões, o *Breitbart News*, reconhecido em 2016 como o emissor fundamental das ideias propostas pela *alt-right*.

O fato é que Trump, Jason Kessler e os membros da *alt-right* em geral defendem ideias muito semelhantes às que dezenas dos neonazistas organizados em Charlottesville defendiam. Embora nem o presidente, nem os ativistas da *alternative right* se declarem neonazistas ou façam uso de sua simbologia, eles defendem uma “América para os americanos” e corriqueiramente se posicionam contra a diversidade étnica. É por essa razão que movimentos neonazistas de todo o país são levados a acreditar na conivência do atual poder público quanto às suas ações, pois os princípios se confundem, embora o presidente não seja um fascista. No mínimo, acreditam estar mais perto do poder oficial por se sentirem representados de alguma forma, tornando-se mais confortáveis para manifestarem seu ódio. Foi o ressentimento dos trabalhadores médios brancos – diante do suposto ataque das “elites universitárias” – um dos maiores impulsionadores de Trump de seu enfrentamento ao “politicamente correto” à presidência, em detrimento da “linguagem de

valores” predominante nos anos de Barack Obama, por meio da qual uma intensa visão de tolerância rechaçou ao máximo discursos intolerantes e ampliou o crescimento de pautas progressistas (ANDRESON, 2017).

Embora os EUA de Obama tenham observado um recrudescimento significativo dessa característica, principalmente devido à sua crítica a ela, existe uma cultura racista nos EUA que nos remete à sua fundação, referência para os nacionalistas em busca da pureza racial no país e, em alguns casos, para uma aproximação com o nazismo. Essa cultura, mesmo em processo de transformação e até diminuição, se constitui no âmbito interno e externo, restringindo a participação de outras etnias na vida política e social do país, compreendendo que elas representam uma ameaça à homogeneia branca, e conseqüentemente impulsiona a intervenção estadunidense em outras nações quando o domínio das elites brancas está ameaçado. Ou seja, sem a participação ou com a restrição de outras etnias em sua formação cultural e política torna-se mais difícil aceitar o “Outro”. Torna-se também árduo aceitar o “Outro” interferindo em seus interesses internacionais.

É importante destacarmos isto: o racismo nos EUA tem origens específicas, assim como é particular a origem de seus movimentos neonazistas. Também são particulares as características desses movimentos, pois dialogam com uma história própria e, com isso, realizam processos de ruptura e de permanência com o nazismo clássico, com o passado. A presença de neonazistas em Charlottesville não é um acontecimento iniciado e finalizado nele mesmo: possui raízes históricas sem as quais nossa análise poderia se tornar frágil, incapaz de situar esses acontecimentos tão recentes em uma duração mais longa, em uma intersecção entre o passado e o presente (DOSSE, 2012). Com isso, os acontecimentos do dia 13 de agosto de 2017 poderiam ser vistos como algo muito novo quando, em verdade, possuem uma maior profundidade no tempo. Buscaremos, então, proceder de forma responsável no sentido de compreender os acontecimentos de Charlottesville não como o início de um fenômeno, nem mesmo como seu fim, mas como uma etapa dele.

Neonazismo nos EUA: raízes e caminhos

Se voltarmos um pouco mais no tempo, mais especificamente até 05 de agosto de 2012, chegaremos ao dia em que Wade Michael Page, um neonazista e ex-militar de 40 anos, invadiu um templo Sikh em Oak Creek, Wisconsin, e assassinou seis pessoas, além de ferir outras quatro, incluindo um policial. Após isso, Page cometeu suicídio (GOODWIN, 2012). A religião Sikh teve origem na Índia, sendo uma das mais antigas já conhecidas. Os adeptos dessa religião assassinados por Page eram indianos ou descendentes de indianos, portanto, representantes de uma cultura tida

pelo assassino como estrangeira, incompatível com a cultura estadunidense e com a raça branca defendida por ele.

O criminoso era vocalista da banda *End Apathy*, cujas letras das músicas evocam a supremacia branca sobre outras etnias. Isso aparece explícito na música *Self destruct*, lançada em um registro junto a outra banda neonazista, a *Definite Hate*, no ano de 2011 pelos selos *Matrix/Runout*: “(...) Estamos aqui para nos livrarmos deles/Os inimigos da raça branca/Aqui estamos para nos livrarmos deles/Nós precisamos vencer/Se cairmos, nossas crianças pagarão/Nos vemos no final”.² Quando nos voltamos para a leitura do pensamento expresso em sua música, vemos a idealização do ódio posto em prática por Page. Sua ação direta buscou atentar contra a vida dos “inimigos da raça branca”. Podemos supor que Wade e sua banda pretendiam, assim, proteger sua nação do “outro”, de elementos externos a ela, percebendo o estrangeiro como inimigo.

Como neonazistas, os membros da citada banda buscam excluir “todos os que não pertencem à sua própria nação, ou seja, a grande maioria da raça humana”³ (HOBSBAWM, 1992, p. 176). Portanto, as características nacionais deles serão exaltadas para que tentem justificar a sua superioridade. Uma dessas características é a herança europeia branca deixada pelos seus ancestrais. Nesse sentido, o alinhamento ao nazismo é um recurso para extrair dele sua fundamentação racista e utilizá-la no terreno do qual a banda discursa (a própria Ku Klux Klan, uma das mais conhecidas organizações racistas do país, tornou-se tributária do nazismo a partir dos anos 1930). Portanto, os grupos sociais que não compartilham de seus denominadores culturais comuns são rejeitados.

Consideramos importante destacar que as guerras desencadeadas pelos EUA no chamado Terceiro Mundo, a exemplo do Vietnã, Coréia, Camboja, bem como as intervenções militares na América Latina, na segunda metade do século XX, além da Guerra do Golfo (1990-1991), são, de modo geral, significativas para pensarmos a presença de uma ideologia racista norteadora de ações do país em diferentes conjunturas. Tais intervenções são objetiva e premeditadamente pensadas, visto que os alvos são frequentemente aqueles onde há perda dos privilégios das elites brancas submetidas ou associadas aos interesses estadunidenses (HORNE, 1999). Nisso está embutida a antiga crença no “Destino Manifesto”.

² END Apathy. *Self-destruct*. In: **Self-destruct**. Linthicum: Label 56, 2011. 01 CD. Tradução nossa.

³ Tradução nossa.

Segundo a doutrina do “Destino Manifesto”, elaborada no século XVIII e parte constituinte da cultura estadunidense, ainda bastante forte em âmbitos mais conservadores, os colonizadores teriam sido eleitos por Deus para civilizar a América do Norte. Essa doutrina permaneceu de forma fragmentada e, no século XX, buscou justificar as imposições dos EUA sobre a América e, mais tarde, sobre outras partes do mundo, sobretudo durante a Guerra Fria, mesmo utilizando uma nova roupagem. As intervenções políticas e militares empreendidas pelo país foram internamente aceitas em virtude de consensos bem elaborados centrados nessa “predestinação”, fosse ela convictamente aceita ou diluída sob diversas formas, até se ramificar culturalmente na sociedade estadunidense como forma de defender a democracia. Mesmo não sendo possível generalizar, tais concepções históricas, concebidas em meio a disputas políticas por poder, possuem um respaldo social somente possível quando os membros de um grupo nacional as compreendessem (McCANN, 2011).⁴ Os neonazistas estadunidenses as compreendem muito bem.

Façamos outra breve digressão, até o ano de 1994, para compreendermos a aproximação dos neonazistas com essas ideias enraizadas historicamente. A música *Our voice is stronger*, da banda *Bound for Glory*, lançada no álbum *The Fight Goes On*, nos diz:

Se morrermos, não será em vão
Ninguém será esquecido
Mas quando os inimigos se forem
Ninguém saberá mais os seus nomes
Eles apodrecerão em seus túmulos
E para aqueles que caíram antes de mim
Que deram suas vidas em nome dos que amavam
Eu tiro minha força de seus espíritos
Enquanto olho para os Deuses sobre nós
Não, eu não descansarei até que eu destrua o complô maligno
E recupere de vez a força e a liberdade
Pelas quais eu lutei

⁴ Claro que ao longo do século XX ideias distintas foram articuladas para mobilizar a justificativa para a intervenção dos EUA em outros países. Há uma diferença enorme, por exemplo, entre os argumentos reunidos na Guerra Hispano-Americana (1898), nas intervenções da época da Guerra Fria, na Guerra do Golfo (1990-1991), na Bósnia (1992-1995), ou Afeganistão (2001) e Iraque (2003-2011). No entanto, embora as raízes etnocêntricas não sejam os motivadores essenciais destas intervenções, não podemos extrair delas o impacto e o ranço dessa cultura política cujo dissolvimento pode levar mais tempo para ocorrer. Além do mais, é nessa tradição etnocêntrica que os neofascistas, sedentos pelo tradicionalismo, irão buscar referências.

E no final não iremos nos curvar
A nossa força irá conquistar
Destruiremos suas mentiras e difamações
Pois nossa voz é a mais forte⁵

A banda surgiu em Minnesota, norte dos EUA, em 1989. É uma das mais reconhecidas bandas neonazistas do país, com 14 discos lançados entre 1990 e 2017. Sua associação com o neonazismo é verificável em capas de discos, letras de músicas e entrevistas de seus integrantes. A letra aqui citada não faz referência ao nazismo explicitamente, mas faz uso de um discurso caro ao hitlerismo e ao espírito estadunidense em relação à sua posição imperialista, sobretudo num momento de expansão global de seus valores após a queda da União Soviética, em 1991.

O retrato fornecido pela música é o de uma batalha na qual seus compositores são posicionados como guerreiros, dispostos a tudo para vencer um inimigo não identificado, mas ameaçador e ardiloso. A vitória nessa batalha significa honrar os guerreiros do passado e conquistar a liberdade, a força e uma dignidade entrelinhada no discurso. A música fala ainda em destruir os inimigos, suas mentiras e difamações, além de ressaltar a necessidade de conquista. Para um universo microcômico neonazista, do qual a *Bound for Glory* é participante, as noções de guerra, força e conquista são fundamentais, pois estabelecem disputas por poder. Para os estadunidenses, muitas vezes, também são.

Não desejamos aqui dizer que há nos EUA uma propensão a aceitar os discursos neonazistas, mas afirmar a existência de elementos próximos entre a cultura estadunidense e os ideais racialistas do nazismo, algo não exclusivo a esse país, mas pertinente para uma explicação sobre a sua presença nele. Não desejamos também dizer que os EUA ainda são, como no século XIX, dotados de uma noção de raça inata superior e destinada a espalhar a civilização embasada no cristianismo. No entanto, os efeitos dessas ideias ainda servem como referência para alguns, mesmo tantos anos depois, um tipo de permanência comum a qualquer sociedade dotada de cultura. Para algumas pessoas, Trump é um representante desta visão de mundo conservadora. Por se aproximarem, mesmo sem querer, de elementos do nazismo, essas ideias são recuperadas como modelos.

⁵ BOUND for Glory. Our voice is stronger. In: **The fight goes on**. Ontario: Resistance Records, 1994, faixa 06. 01 CD. Tradução nossa.

Havia no nazismo clássico um culto ao expansionismo territorial, visto como necessário para a manutenção de um espaço vital onde a “raça ariana” pudesse crescer e se desenvolver. Sua ideologia de expansão era fundamentada na guerra, pressupondo uma vitória das nações mais fortes sobre as mais fracas a serem ocupadas. Nesse sentido, o que estava em risco “nessa luta não era só o futuro doméstico” de nações europeias durante a Segunda Guerra Mundial, “ou a guerra e a paz de um modo geral, mas a defesa das nações”⁶ (HOBSBAWM, 1992, p. 164), premissa seguida prioritariamente pelos alemães. Trazido para o presente por uma banda neonazista estadunidense, esse discurso, proferido num momento de intenso fortalecimento dos valores estadunidenses para firmar as conquistas sobre o socialismo, não parece despropositado.

O antissocialismo ou anticomunismo, a propósito, é outra marca permanente entre os neonazistas. Na música *Never Again*, faixa 01 do álbum homônimo lançado em 1996, a *Bound for Glory* se manifesta a esse respeito: “Liberdade versus controle, verdades versus mentiras/Tudo que eles tocam se deforma e morre/Bravura versus covardia, ódio versus medo/Estamos mandando essa mensagem, não queremos vermelhos aqui”.⁷

Os socialistas são tradicionalmente conhecidos pejorativamente pela extrema-direita como “vermelhos”. Vejamos que na música há uma série de antagonismos referentes aos regimes em duelo durante a Guerra Fria. Para os compositores, os socialistas são autoritários, mentirosos, covardes e disseminadores do medo contra o qual o ódio neonazista deve recair. Por outro lado, os membros da banda se identificam como defensores da liberdade, da verdade, bravos agentes contrários ao socialismo e tudo que ele supostamente representa, mesmo que sejam fortemente antiliberais, caindo assim em contradição, algo comum aos movimentos neonazistas. O discurso antissocialista foi fundamental para o crescimento político dos nazistas no passado, nos mostrando aqui uma permanência ideológica, mas também aos estadunidenses, nos mostrando uma possibilidade de aproximação da qual a banda faz uso, mesmo que o nazismo rejeite profundamente a democracia liberal defendida pelos EUA.

Essa contradição, por outro lado, é explicada por Umberto Eco (2002), quando ele diz que o ódio fascista ao mundo moderno se travestia de anticapitalismo, quando em realidade era uma reação à razão iluminista, considerada como uma depravação humana, motor da diferença e da crítica. Ou seja, assim como os regimes fascistas se deleitaram em parcerias com o capital nacional

⁶ Tradução nossa.

⁷ BOUND for Glory. Never again. In: **Never Again**. Minnesota: BGF Productions, 1996, faixa 01. 01 CD. Tradução nossa.

de seus países, apelando à conciliação para permanecer no poder, os neofascistas estadunidenses parecem incapazes de romper com o espírito cultural e político de seu país, influência de suas ações e de um pragmatismo caro a seus movimentos.

Outra aproximação feita pelos neonazistas estadunidenses em relação ao passado nazista é o antissemitismo. Prova disso está na música *Fire up the ovens*, lançada em 1999 pela banda *Bully Boys*, no álbum *Best of Bully Boys – 1984-1999*:

A guerra final se aproxima rapidamente
Pagarão por todos seus crimes de uma vez
Eles seguem pelo tempo e pela história
Seus crimes estão às vistas de todo o mundo
Se nós sobrevivermos, mesmo que você duvide
Pois nós somos loucos e adoramos matar
Acenderemos os fornos, acenderemos os fornos
Acenderemos os fornos, faremos tudo novamente⁸

Os “fornos” aos quais a banda se refere são aqueles usados pelos nazistas nos campos de concentração para queimar os corpos de judeus presos pelo regime. Se houver qualquer dúvida sobre isso, basta consultar o trecho da mesma música no qual a banda diz: “Não deixaremos pedra sobre pedra/Queimaremos até o último judeu”, na segunda estrofe da composição. Para a banda, assim como para o regime nazista, a presença dos judeus em suas sociedades determina uma perseguição até às últimas consequências, pois afirmam que os judeus são criminosos impuros. Esse crime seria, fundamentalmente, a sua simples presença em uma sociedade à qual supostamente não pertencem.

O antissemitismo é um discurso universal nazista e, para que seja proferido, não é necessário haver a presença massiva de judeus numa dada sociedade, sendo a própria Alemanha dos anos 1930 um exemplo disso. Porém, devemos perceber que os argumentos dos neonazistas estadunidenses são muitas vezes amparados em justificativas culturais religiosas, severamente radicais. A identidade teológica cristã, robustamente presente na versão neonazista estadunidense, afirma que apenas os brancos são descendentes diretos de Adão e Eva e dos israelitas do Antigo Testamento. Os judeus, por sua vez, seriam crias de Eva e Satã (MARTINEZ JR.; SELEPAK, 2013). Este, no entanto, é somente um dos caminhos que podemos percorrer para compreender o

⁸ BULLY Boys. *Fire up the ovens*. In: **Best of Bully Boys** – 1984-199. Minnesota: Panzerfaust Records, 1999, faixa 01. 01 CD. Tradução nossa.

antissemitismo neonazista estadunidense. Regra geral, sua ocorrência costuma ser um resgate do antissemitismo nazista clássico, mesclado a um cristianismo anglo-saxônico mais radical.

O ódio antissemita dos neonazistas se faz presente de forma intensa nos documentos por nós selecionados, sendo impossível destacarmos todos os casos. Um exemplo é capaz de mostrar a extrema violência com a qual esses militantes atuam ou buscam incentivar. Na música *Rage*, da banda *The Voice*, lançada em 1996, ouvimos:

Seus jovens e velhos morrerão nas ruas/Suas mulheres e crianças morrerão em
nossos pés/Não mostraremos misericórdia enquanto tomamos suas vidas/(...)
Queimaremos suas sinagogas/Se tentarem correr, abateremos vocês com tiros.⁹

A violência e o ódio não encontram limites.

Além de uma transposição do antissemitismo nazista para o presente, portanto, o ódio é reforçado tendo como frágeis tentativas de sustentáculos alguns outros critérios. O envolvimento direto das autoridades estadunidenses na criação do Estado de Israel no pós-Segunda Guerra Mundial, numa das muitas tentativas de compensação pelos crimes de guerra cometidos contra os judeus naquele episódio, e suas relações próximas mantidas até hoje, são também inadmissíveis para setores da vasta força cristã radical do país. Grande parte dessa força se alinhou ao nazismo, a exemplo da organização paramilitar *Aryan Nations*, uma das mais antigas do país, surgida nos anos 1970. Portanto, a participação ativa do Estado na criação de Israel instigou a crença na existência de uma forte maioria judaica no poder ou de forças políticas coniventes com os judeus. Podemos dizer que é em função do cristianismo e do racismo que o neonazismo é tão amplamente aceito entre os movimentos extremistas estadunidenses até hoje.

Por outro lado, embora alguns neonazistas tenham se sentido à vontade para professar seu ódio desde a eleição de Trump, por seu viés conservador e bastante ligado à cultura cristã, o atual chefe de Estado se mostrou, no decorrer de seu governo, cada vez mais inclinado a apoiar o Estado de Israel em seu processo de estabelecimento contra as forças da Palestina. Neste sentido, sabemos que o pragmatismo político de Trump não permite divagações ideológicas muito profundas sobre o caso. Tal postura também sugere uma tendência do presidente a combater o extremismo islâmico, algo vigorosamente estimulado pelos Republicanos, sobretudo após os atentados de 11 de setembro de 2001.

⁹ VOICE, The. *Rage*. In: **Rage**. St. Paul: White Terror/Excalibur, 1996, faixa 02. 01 CD. Tradução nossa.

Uma das pedras fundamentais do antissemitismo nazista é o conspiracionismo. Segundo Carlo Ginzbrug (2006, p. 201), o nazismo enxergava a conspiração judaica como a busca por:

uma infiltração em todos os níveis da sociedade: na economia, na imprensa, nas Forças Armadas, nos partidos políticos, etc. A vitória dessa conspiração [segundo os antissemitas] levará a uma monarquia judaica que dominará o mundo.

O Estado de Israel seria, para muitos dos neonazistas, o início da concretização dessa dominação. Entre os estadunidenses, a participação próxima dos EUA na construção e na defesa desse Estado levanta a desconfiança de que esse controle existe e define as diretrizes políticas do país, às vezes contrariando as vontades dos líderes políticos. Vale lembrar que na marcha da *Unite the Right* em Charlottesville, os militantes gritavam “não seremos substituídos por judeus” (CHARLOTTESVILLE..., 2017). Isso expõe o vitimismo dos supremacistas diante de uma dita ameaça existente pela presença dos judeus.

O ódio racial neonazista estadunidense não se direciona apenas aos judeus, mas majoritariamente aos negros. As primeiras bandas de rock neofascista surgiram no sul do país, especificamente no Texas, região historicamente reconhecida pela forte presença conservadora nativista e, por vezes, abertamente racista (POTOK, 2012). Apesar dos discursos racistas serem emitidos por bandas de todas as partes do país sem restrições regionais, há no sul uma presença marcante de ecos do passado escravista e dos linchamentos a negros pela Ku Klux Klan, além do segregacionismo tardiamente abolido. Por essa razão, além da existência de forte polarização em torno do debate racial no país, a maioria das bandas do rock neofascista estadunidense, bem como os incontáveis movimentos políticos neofascistas visando disputas pelo poder de Estado e os grupos de *skinheads*, possuem o racismo contra os negros como principal bandeira.

Mesmo após a Guerra de Secessão e o fim da escravidão, o racismo dos Estados Confederados, pró-escravismo, permaneceu entre as forças políticas alinhadas às ideias de supremacia branca e definiu uma cidadania de segunda classe para os negros (FICHO, 1990), ainda hoje persistente na sociedade estadunidense mesmo de forma menos intensa – embora ainda severa. Enquanto essa persistência parece diminuir, há entre os neonazistas um coro desfavorável a isso. A música *Naseer Ghani* (nome de um homem negro acusado de assassinar um *skinhead* supremacista), composta pela *The Voice* para o álbum *Rage*, nos mostra isso ao dizer:

Chegou a hora de fazermos justiça com nossas próprias mãos/E mostrar a esses pretos que essa é a nossa nação/Chegou a hora de nossa vingança/Por todo o sangue dos homens brancos que foi derramado/Precisamos agir agora (...).¹⁰

O racismo no interior das ideologias fascistas buscava substituir a luta de classes e legitimar a destruição da alteridade em nome do progresso dos superiores, no que Robert O. Paxton (2007) insiste em chamar de “corrida darwinista” da sociedade. Esses princípios, no entanto, já existiam antes e faziam parte de políticas de Estados ditos democráticos. Os fascismos apenas os tornaram mais amplos e abertos. No caso dos EUA, país fundamentalmente liberal e capitalista, as ideias de livre iniciativa e de competição igualitária tão institucional e culturalmente difundidas abriram espaço para a “corrida darwinista” dos fascismos (GROSS, 1980), com a qual se aproximam.

Para Igor Lapsky (2014, p. 95), há uma tendência ao conservadorismo nos EUA por parte da população, cuja formação “se mostra na história do país, pois todas as crises que ocasionaram problemas econômicos e sociais fizeram com que a população fortalecesse os movimentos conservadores, seja na questão migratória ou no debate em torno dos impostos”. E se, como reforça o próprio autor, o conservadorismo é constituído por características como “a descrença na razão como guia; compreensão da sociedade como organismo vivo, impossibilitando a transferência de experiências históricas; e uma aversão a mudanças abruptas” (LAPSKY, 2014, p. 95), o racismo aparece frequentemente como uma das expressões mais significativas dessa postura.

Não se trata, é claro, de uma sociedade inteira voltada ao conservadorismo, mas de políticas de Estado comprometidas com essa postura e respaldadas por parte considerável do povo durante séculos. Porém, em relação aos conflitos civis entre negros e brancos no país, é preciso considerar como a opinião pública e os posicionamentos dos indivíduos, sob a guia de referências racistas, incidem sobre acontecimentos relativos a esses confrontos. Para tratarmos disso, nos deteremos brevemente ao caso de Michael Carter, Dustin Kaiser e da jovem Nicole, três adolescentes brancos cuja violência perpetrada contra eles levou uma pequena cidade de Michigan, estado da banda neonazista *Angry Aryans*, a fervorosos debates raciais.

O caso ocorreu na pequena cidade de Flint, no mês de junho de 2001. Os três adolescentes brancos, com idade entre 14 e 15 anos, voltavam para casa praticando o que chamavam de *train hop*, ou seja, o ato de saltar de um vagão de trem para o outro enquanto o veículo está em movimento. Os jovens deveriam parar em Holly, região da cidade na qual residiam, mas vacilaram

¹⁰ VOICE, The. Naseer Ghani. In: **Rage**. .St. Paul: White Terror/Excalibur, 1996, faixa 07. 01 CD. Tradução nossa.

e preferiram descer na parada seguinte, num bairro mais pobre e majoritariamente habitado por negros. Ao procurarem um telefone público para contactar seus pais, acabaram sendo abordados por um grupo de rapazes negros (que, segundo a polícia, pertencia a uma gangue). Os três fugiram, mas acabaram capturados e levados a uma região remota do lugar, onde foram mantidos como reféns por várias horas, segundo a narrativa jornalística. Michael Carter foi morto. Dustin Kaiser, após ser brutalmente espancado, foi alvejado com um tiro na cabeça, mas sobreviveu. Nicole (cujo sobrenome foi preservado a pedido dos pais) teria levado um tiro no rosto depois de ser obrigada a fazer sexo oral em seus sequestradores, tendo também escapado com vida (STODGHILL, 2001).

O crime não foi tratado pela opinião pública de Flint como ato criminoso comum, mas sim como um crime de ódio conduzido por negros contra brancos. Alguns veículos de comunicação, como o jornal diário *Flint Journal*, emitiram editoriais recheados de discursos emocionados a respeito de como aqueles jovens teriam sido vítimas de um crime racial, não de delinquência juvenil. Segundo Nicole, em audiência, eles foram atacados por cerca de doze ou treze jovens. A prisão de apenas cinco levou a população negra da cidade a desconfiar da polícia, que estaria conduzindo as investigações sob a mobilização emocionada da maioria branca.

No mesmo ano do ocorrido, a banda *Angry Aryans* lançou o disco *Racially Motivated Violence*, no qual está a música *Long way home*. Em um de seus trechos ouvimos: “Morto a sangue frio, simplesmente por ser branco/Você se lembrará do nome de Michael Carter?/O jovem rapaz morto nesse massacre racista”.¹¹ Ao revisarem esse caso, os compositores buscaram dar a ele contornos favoráveis ao ódio em seus discursos.

Ora, se o ressentimento é o motor das incoerentes ideias fascistas e da incitação ao ódio contra seus inimigos, nada mais esperado do que o rock neofascista se apropriar de casos como este para buscar legitimação e apoio. E se parte da sociedade tende a aceitar um discurso parecido com o dos neonazistas em relação ao fato de aquele ter sido um crime de ódio, não é difícil compreendermos porque existem adeptos desse comportamento político no país. Além do mais, os críticos do “politicamente correto” frequentemente se posicionam de forma a crer numa espécie de “racismo invertido” por parte dos negros contra os brancos, o que é vigorosamente contestado por movimentos sociais contra o racismo.

¹¹ ANGRY Aryans. Long way home. In: **Racially motivated violence**. Detroit: Tri-State Terror, 2001, faixa 06. 01 CD. Tradução nossa.

Interrompendo brevemente a linearidade de nossa narrativa, precisamos destacar a ocorrência de algo importante a respeito disso no governo de Donald Trump. Uma de suas ações mais impactantes ainda no início de seu polêmico mandato, buscava punir universidades acusadas de possuírem ações afirmativas “prejudiciais e discriminatórias” em relação aos estudantes brancos por facilitarem o acesso de estudantes negros, acreditando haver aí uma situação de “racismo reverso”, um dos maiores argumentos do discurso vitimista presente entre os supremacistas brancos. Com isso, não surpreende, por mais terrível que seja, o conforto com o qual neonazistas desfilaram organizadamente em Charlottesville, mas abordaremos isso com calma mais tarde. Por enquanto, vale ressaltarmos como os inimigos são construídos pelos neonazistas e como, invariavelmente, esses inimigos têm prévia, considerável e histórica desconfiança por parte da sociedade.

Os atentados de 11 de setembro de 2001 tremeram o mundo, mas os EUA se viram não apenas devastados emocionalmente, como também desmoralizados. Sob a tutela do então presidente republicano George W. Bush e sua política conservadora, a agenda da “guerra ao terror” cobrou de seus parceiros internacionais uma colaboração coercitiva para a efetivação de seus planos. Sua política doméstica e internacional se direcionaram à busca por convergências em relação ao estado de alerta provocado pelos atentados e pela paranoia islamofóbica, consequência imediata dos atentados, mas não apenas disso. O alvo central de sua cruzada antiterrorista foi o chamado “eixo do mal”, composto por países como Líbia, Iraque e Afeganistão. Dentro do país, o medo dos árabes foi resgatado e se tornou o “prato principal” da imprensa nacional.

De acordo com Sidnei J. Munhoz e Mériti de Souza (2012, p. 601):

A associação do fundamentalismo a uma religião específica e a uma determinada cultura é uma tese que se incorporou aos discursos de pessoas vinculadas a diferentes espectros político-ideológicos no assim denominado Ocidente. Essa associação dissemina a ideia de que o fundamentalismo islâmico é o grande responsável pelos recentes dissabores da ordem democrática e fundador de subjetividades violentas. A referência religiosa e nacional do crente islâmico é, ainda, exacerbada como marca identitária privilegiada na construção dessa modalidade subjetiva.

Como centro nervoso da Nova Ordem Mundial, os EUA são marcadamente afetados por esses espectros político-ideológicos, pois são também uma grande engrenagem para o processo de construção deles. Segundo a visão derivada disso, os muçulmanos seriam os responsáveis pelas instabilidades e conflitos sociais disseminados contra eles mesmos por se chocarem contra o modelo de sociedade ocidental e por serem acusados de destruí-lo ao tentarem penetrá-lo

forçadamente. Assim, a islamofobia estadunidense seria resultado de uma reação visando proteger o Ocidente e os países sob seu jugo de forças externas hostis em vias de derrubar a democracia.

Ainda em 2001, a *Angry Aryans* lançou o disco *Old school hate*. Sua décima quarta música, *Islam, religion of whores*, expressa o ódio neonazista aos muçulmanos: “Vocês odeiam os judeus, mas são iguais a eles/Povo de pele escura e herança inferior/Vocês ficam de quatro para adorar os seus deuses/No chão, seu cão árabe fétido”.¹² Esse discurso violento ocorre, evidentemente, pela visão cultural estadunidense sobre um alvo, visto que os árabes não constituem um alvo histórico dos fascismos. Os árabes são vilanizados pelo cinema e pela literatura estadunidense há décadas. O documentário *Filmes ruins, árabes malvados (Reel Bad Arabs)*, dirigido por Sut Jhally e lançado em 2006, nos mostra como o cinema ajudou a transformar os árabes em vilões, principalmente por sua cultura entendida como impossível de ser assimilada. Geralmente são expostos como terroristas, cujos objetivos são destruir as nações judaico-cristãs do Ocidente em nome de seus “mandamentos religiosos”.

Não estamos aqui tratando de devaneios conspiracionistas. O hino do Corpo de Fuzileiros Navais estadunidense nos mostra isso: “Dos salões de Montezuma até a costa de Trípoli/Nós lutamos as batalhas do nosso país/No ar, na terra e no mar/Primeiro para lutar pelo direito e pela liberdade/E para manter nossa honra limpa”. O que foi a ida de forças militares estadunidenses a Trípoli, no norte da África, em 1805, se não uma intervenção para ajustar a ordem daquela sociedade aos quadros necessários aos EUA, ameaçados internacionalmente naquele momento?¹³ Os árabes parecem ser um incômodo constante e antigo aos estadunidenses.

Além dos árabes, a presença de outros imigrantes no país, ilegais ou não, é constantemente apresentada como um problema gerador de tensões. Suas culturas são questionadas como incompatíveis, sujeitas à incompreensão e à violência em uma sociedade propensa à desconfiança sobre a alteridade. Mesmo aqueles nascidos no país, mas possuidores de uma ancestralidade externa não-europeia-ocidental, podem sofrer com esse problema. Voltamos ao caso de Wade Michael

¹² ANGRY Aryans. *Islam, religion of whores*. In: **Old school hate**. Hillsboro: Resistance Records, 2001, faixa 14. 01 CD. Tradução nossa.

¹³ Podemos dizer que o mencionado conflito teve origem na não-submissão comercial de Trípoli às demandas exigidas pelos poderes norte-africanos estabelecidos, cuja atuação foi justificada por Thomas Jefferson como uma guerra de defesa, e não como uma espécie de cruzada anti-árabe, reafirmando um compromisso com um conflito sob as bases de um gasto de energia estadunidense para “multiplicar” a raça humana, e não destruí-la. Porém, os interesses econômicos estadunidenses ameaçados pela insubmissão do paxá de Trípoli e suas crescentes demandas sinalizam a existência de um tipo de conflito comum entre os estadunidenses e os árabes no decorrer do tempo, onde as relações de poder foram muito discrepantes, pendendo para as exigências dos primeiros, cujos interesses, etnocêntricos e imperialistas, se sobrepõem a quaisquer outros.

Page e ao discurso de sua banda. Nos EUA existe uma preocupação aguda quanto à imigração, havendo debates inflamados em todo o território nacional e, em larga medida, impulsionados por uma atmosfera historicamente construída com base no protecionismo territorial e nacional. Consequentemente, tendo como base também a preservação de sua cultura. Foi o que Tump buscou fazer ao prometer tornar ilegal a presença de muçulmanos nos EUA, antes de ser eleito (BAYOUMI, 2016).

Quando um representante político abertamente islamofóbico, xenófobo, racista e nacionalista chega ao governo, tendo usado discursos de ódio como agenda eleitoral, cria-se uma atmosfera permissiva, na qual indivíduos adeptos a posturas semelhantes ou idênticas se sentem à vontade para disseminar o ódio partilhado pelo ocupante do mais alto cargo do poder no país. É nesse contexto, há poucos meses da marcha em Charlottesville, que a banda *Heathen Hammer* lançou o álbum *White Spirit-Black Mask*, pela *Resistance Records*. Nele está uma versão da música *Fatherland*, originalmente composta pela banda neofascista polonesa *Warhead*. Ela diz: “Eu luto por você minha pátria/Nunca deixarei você cair/Será para mim uma honra/Defender a raça dos meus ancestrais/Vejo a força da luz entre os brancos/E o desaparecer das outras raças”.¹⁴

Para a banda, a luta pela defesa da raça branca é uma obrigação para a preservação nacional, devendo existir em sua pátria somente os pertencentes a ela, não havendo espaço para diferentes, como manda a cartilha histórica dos fascismos. O “nós”, para seus compositores, são os brancos. Algo muito próximo ao visto em Charlottesville há pouco menos de um ano. Numa conjuntura em que o poder oficial é gerido por um personagem empenhado na construção de muros, na deportação de imigrantes, na proibição de religiões árabes, entre tantas outras coisas, é possível que esses discursos ganhem força e aproximem ideias políticas extremistas. Inclusive entre o poder oficial e milícias engajadas na eliminação físicas da alteridade.

Considerações finais

De acordo com Umberto Eco (1998), uma das características fundamentais do que ele chama de “fascismo eterno”, ou seja, do fascismo como fenômeno político ou comportamento político, não apenas como regime institucional cercado temporalmente pelos anos de 1930 e 1940, é o culto à tradição, a algo mais antigo do que eles próprios. Portanto, os fascistas – e aqui incluímos os nazistas – são obcecados pelos saberes arcaicos, surgidos com o início da vida humana; tudo

¹⁴ HEATHEN Hammer. *Fatherland*. In: **White spirit-Black mask**. Hillsboro: Resistance Records, 2017, faixa 09. 01 CD. Tradução nossa.

aquilo que se refere a alguma origem, a uma história primordial. Faz sentido se pensarmos como os neonazistas estadunidenses, que do nazismo clássico extraem seu racismo, dialogam com as origens de sua nação: branca, anglo-saxã e protestante. Para eles, essas são as pedras fundamentais de seu nacionalismo, da cultura que o sustenta e de suas tradições. O racismo nos EUA subsidiou uma série de eventos e movimentos nos quais a violência contra os elementos não encaixados nessa noção nativista foi empreendida. O neonazismo é só mais um dos mecanismos para cumprir esta tarefa.

Por essa razão, a presença de tantos neonazistas em Charlottesville é explicada: a defesa de uma estátua é a defesa de um emblema, da memória dos brancos, das origens da nação, dos indivíduos avessos a quaisquer mudanças nas quais a hegemonia e a homogeneidade branca sejam ameaçadas. Os neonazistas compartilham com outros racistas, não alinhados à sua ideologia, as imagens da nação tal qual idealizam, buscando num passado longínquo referências para o presente. A diferença é que os neonazistas podem ir além das deportações, das ofensas verbais ou das manifestações indignadas com a presença dos “outros”: eles podem partir para uma ação direta tal qual a de Wade Michael Page.

Em 2012, não havia nos EUA uma atmosfera tão favorável a crimes de ódio como o protagonizado por Page. Recentemente, no entanto, vimos no bojo das eleições um clima hostil e permissivo quanto isso, pois o próprio presidente, representante de ideias chauvinistas, incita a diferenciação étnica compartilhada por neonazistas, mesmo que, ressaltando novamente, Trump não seja um fascista, mas no máximo um populista de direita. Por essa semelhança, Trump ganha força da militância neonazista ao mesmo tempo em que a fortalece. No comício em Charlottesville, os militantes gritavam “vidas brancas importam” (ironizando o movimento antirracista *Black Lives Matters*) e “sangue e terra”. Essa última frase, um clássico grito de guerra nacionalista, é cara aos neonazistas não só dos EUA. Trump, o presidente que somente após dois dias do ocorrido se manifestou em relação aos atos dos supremacistas, reconheceu ali boa parte de sua base eleitoral, à qual não desejou tecer ofensas: disse em uma coletiva de imprensa (TRUMP..., 2017) ter percebido os dois lados como errados, pois os antifascistas presentes na manifestação também incitaram a violência, além de afirmar que na marcha não havia apenas supremacistas, mas a direita liberal, por exemplo. Preferiu, assim, colocar panos quentes na situação e se posicionar de forma isenta.

Por fim, podemos dizer que seja nos EUA ou em qualquer outro país, a relevância, a força ou a capacidade de congruência dos militantes neonazistas resultam de sua relação com as estruturas sociais desse ou daquele território, com a cultura – seja ela política ou não – e da atmosfera dentro da qual atuam no presente em que militam. Esse presente, sua existência no “agora”, não é consequência de acontecimentos recentes: possuem bases mais distantes do hoje e dialogam com elas a todo tempo. Por menor coerência que os fascismos pareçam possuir, sua existência é, de alguma forma, histórica. Cabe a nós localizarmos tal existência em meio à turbulência dos processos humanos.

Referências bibliográficas:

- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- COPSEY, Nigel. **Contemporary British fascism: the British National Party and the quest for legitimacy**. New York: Palgrave Macmillia, 2004.
- DOSSE, François. História do Tempo Presente e historiografia. **Tempo e Argumento**, v. 4, n. 1, p. 05-22, 2012.
- ECO, Umberto. **Cinco escritos morais**. Trad. Eliana Aguilar. São Paulo: Record, 1998.
- FICHOU, Jean-Pierre. **A civilização Americana**. Trad. Maria Carolina F. de Castilho Pires. Campinas: Papyrus, 1990.
- FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999. p. 103-118.
- GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Trad. Rosa Freire d’Aguilar e Otávio Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GROSS, Bertram. **Friendly fascism: the new face of power in America**. Boston: South End Press, 1980.
- HOBBSBAWM, Eric J. **Nations and nationalism since 1780: program, myth, reality**. United Kingdom: Cambridge University Press, 1992.
- LACOUTURE, Jean. A história imediata. In: LE GOFF, Jacques (Org.). **A história nova**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 215-240.
- LAPSKY, Igor. Tea Party: A direita em luta pela "liberdade". In: SCHURSTER, Karl et al (Orgs.). **Velhas e novas direitas: a atualidade de uma polêmica**. Recife: EDUPE, 2014, p. 91-97.
- MARTINEZ JR, Belio Antonio; SELEPAK, Andrew. Power and violence in Angry Aryans song lyrics: a racist skinhead communication strategy to recruit and shape a collective identity in the White Power Movement. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, v. 35, n. 1, p. 153-180, jul./dez., 2013.
- MAYNARD, Dilton. **Escritos sobre história e Internet**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011.

MCCANN, Frank D. Brasil e Estados Unidos: dois séculos de relacionamento. In: MUNHOZ, Sidnei J.; TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos (Orgs.). **Relações Brasil-Estados Unidos: séculos XX e XXI**. Maringá: EDUEM, 2011. p. 25-63.

MUNHOZ, Sidnei J.; SOUZA, Mériti de. Fundamentalismos e verdades: História Política e subjetividade no Tempo Presente. **Revista Diálogos**. Maringá: UEM, v. 16, n. 02, p. 601-626, mai./ago., 2012.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). **História: novos problemas**. Trad. Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 179-193.

OLIVEIRA, Pedro Carvalho. O Rock Fascista no Brasil: música e extremismo no Tempo Presente. In: MAYNARD, Dilton C. S. (Org.). **Extremismos no Tempo Presente**. Rio de Janeiro: Autografia, 2016a. p. 42-66.

OLIVEIRA, Pedro Carvalho. Transmitindo ódio: o papel do Hate Rock e da Internet na difusão de ideias neofascistas no tempo presente. In: **Escritas**. vol. 08, n. 02, 2016b, p. 47-59.

PAXTON, Robert O. **A anatomia do fascismo**. Trad. Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

POTOK, Mark. **Racist skinheads: understanding the threat**. Alabama: SPLC Publications, 2012.

Fontes e documentos:

ANDERSON, Carol. **The policies of white resentment**. 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/08/05/opinion/sunday/white-resentment-affirmative-action.html>>. Acesso em: 19/08/2017.

ANGRY Aryans. Islam, religion of whores. In: **Old school hate**. Hillsboro: Resistance Records, 2001, faixa 14. 01 CD. Tradução nossa.

ANGRY Aryans. Long way home. In: **Racially motivated violence**. Detroit: Tri-State Terror, 2001, faixa 06. 01 CD. Tradução nossa.

BAYOUMI, Moustafa. **Donald Trump has made it clear: in his America, Muslim citizens don't exist**. 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/nov/08/donald-trump-america-muslim-citizens>>. Acesso em: 11/09/2017.

BERTRAND, Natasha. **Here's what we know about the "pro-white" organizer of "Unite the Right", who was chased out of his own press conference**. 2017. Disponível em: <<http://www.businessinsider.com/who-is-jason-kessler-unite-the-right-charlottesville-2017-8>>. Acesso em: 19/08/2017.

BOUND for Glory. Never again. In: **Never Again**. Minnesota: BGF Productions, 1996, faixa 01. 01 CD. Tradução nossa.

BOUND for Glory. Our voice is stronger. In: **The fight goes on**. Ontario: Resistance Records, 1994, faixa 06. 01 CD. Tradução nossa.

BULLY Boys. Fire up the ovens. In: **Best of Bully Boys – 1984-199**. Minnesota: Panzerfaust Records, 1999, faixa 01. 01 CD. Tradução nossa.

CANTWELL & Kessler. **Charlottesville city council chimps out again and White Zion**. Disponível em: <<https://soundcloud.com/realnewswithjasonkessler/cantwell-kessler-charlottesville-city-council-chimps-out-again-and-white-zion>>. Acesso em 29/09/2017.

- CHARLOTTESVILLE: **Race and Terror.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RIrcB1sAN8I>>. Acesso em 15/08/2017.
- END Apathy. Self-destruct. In: **Self-destruct.** Linthicum: Label 56, 2011. 01 CD. Tradução nossa.
- GOODWIN, Matthew. **Wade Michael Page and the rise of violent far-right extremism.** 2012. Disponível em < <https://www.theguardian.com/world/2012/aug/08/wade-michael-page-violent-far-right>>. Acesso em: 12/10/2017.
- HEATHEN Hammer. Fatherland. In: **White spirit-Black mask.** Hillsboro: Resistance Records, 2017, faixa 09. 01 CD. Tradução nossa.
- SANDOVAL, Pablo Ximénez de. **Muro de Trump já está funcionando.** 2017. Disponível e: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/26/internacional/1493220870_223924.html>. Acesso em: 21/08/2017.
- DAY 1 in Trump's America: this collection of tweets will send a chill down your spine. 2016. Disponível em: <<http://www.thenewsminute.com/article/day-1-trumps-america-collection-tweets-will-send-chill-down-your-spine-52718>>. Acesso em: 20/08/2017.
- STEVENS, Matt. **White nationalists reappear in Charlottesville in torch-lit protest.** 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/10/08/us/richard-spencer-charlottesville.html?smid=fb-nytimes&smtyp=cur>>. Acesso em: 09/10/2017.
- STODGHILL, Ron. **A train hop to tragedy.** 2001. Disponível em: <<http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,138030,00.html>>. Acesso em 26/10/2016.
- TRUMP defends his Charlottesville statements: Alt-left shares blame. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=poFDm0WRqUo>>. Acesso em: 19/08/2017.
- VOICE, The. Naseer Ghani. In: **Rage.** St. Paul: White Terror/Excalibur, 1996, faixa 07. 01 CD. Tradução nossa.
- VOICE, The. Rage. In: **Rage.** St. Paul: White Terror/Excalibur, 1996, faixa 02. 01 CD. Tradução nossa.